



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<http://seer.ufrgs.br/nauliteraria>

Vol. 12 N. 02 2016

Guerra do Paraguai e Literatura na América do Sul

Conflitos fronteiriços no preâmbulo da Guerra do Paraguai

Carlos Garcia Rizzon

Resumo: As cidades de Jaguarão, no Brasil, e de Paysandú, no Uruguai, ostentam títulos de heroicas por seus feitos de defesa diante de ataques sofridos em conflitos entre brasileiros e uruguaios na década de 60 do século XIX, no preâmbulo da Guerra do Paraguai. No entanto, no presente, o conjunto dos fatos que motivaram essas honras não mais está na memória dos habitantes desses lugares, pois a permanência do que existiu no passado – já apontou Jacques Le Goff – é fruto de escolhas selecionadas. Os registros históricos no Brasil e no Uruguai selecionaram versões parciais e contraditórias para explicar os acontecimentos, resultando em uma ficcionalização da história, conceito definido por Paul Ricoeur. Apoiados na historicização da ficção – outro conceito do pensador francês – o conto *Don Sejanos*, de Aldyr Garcia Schlee, e o romance *No robarás las botas de los muertos*, de Mario Delgado Aparáin, potencializam questionamentos e desmitificam as glórias que recobrem o imaginário popular, uma vez que, através dessas obras, é possível estabelecer relações entre os enfrentamentos ocorridos em Paysandú e Jaguarão, provocando uma desestabilização das heroicidades que sustentam o orgulho dos habitantes dessas cidades.

Palavras chave: Jaguarão; Paysandú; Schlee; Delgado Aparáin.

Abstract: The cities of Jaguarão – Brazil and Paysandú – Uruguay are called “heroic” for their deeds in defending from strikes suffered during the conflicts between Brazilians and Uruguayans during the 1860s, in the preliminaries of the Paraguayan War. In present days, however, the set of facts that motivated such honors is no longer in the memory of the cities’ inhabitants, given that the permanence of past events lies upon selected choices – as pointed out by Jacques Le Goff. Historic records in Brazil and Uruguay have selected partial, contradictory versions to explain the events, which resulted in a fictionalization of history, a concept introduced by Paul Ricoeur. Leaning on the historicization of fiction – another concept by the French philosopher – *Don Sejanos*, short story by Aldyr Garcia Schlee, and *No robarás las botas de los muertos*, novel by Mario Delgado Aparáin, raise questions and demystify the glories that permeate the people’s imaginary: through these works, it is possible to establish relations between the battles held in Paysandú and Jaguarão, which results in a destabilization of the heroicities that nourish the pride of these cities’ inhabitants.

Keywords: Jaguarão; Paysandú; Schlee; Delgado Aparáin.

Na década de 60 do século XIX, às vésperas da Guerra do Paraguai, distúrbios políticos internos no Uruguai provocaram enfrentamentos bélicos que envolveram brasileiros no cerco da cidade uruguaia de Paysandú e, em contrapartida, a invasão da cidade brasileira de Jaguarão por parte de uruguaios. Por suas bravas resistências, ambas

idades passaram a ostentar títulos de cidades heróicas. As glorificações dessas heroicidades permanecem ainda hoje no orgulho dos cidadãos de Paysandú e Jaguarão. No entanto, atualmente, muita gente não sabe mais as causas que motivaram as guerras entre Brasil e Uruguai. A rua principal de Jaguarão, por exemplo, em memória à importante data do conflito que enaltece o orgulho dos habitantes da cidade, tem o nome de “27 de janeiro”. O dia é 27. O mês é janeiro. Mas e o ano, qual é? Fazendo-se essa pergunta às pessoas que ali vivem, raros são os que respondem “1865”. Esse desconhecimento instaurado é compreendido por Jacques Le Goff, pois, para o historiador francês,

De fato, o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operaram no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do tempo que passa, os historiadores (1996, p. 535).

No presente, a história contada nas ruas e esquinas de Jaguarão rejubila-se em falar que uma população formada basicamente por mulheres, velhos e crianças (os homens da guarnição militar estariam em luta no interior do Uruguai, compondo o exército brasileiro que apoiava os *colorados* na derrubada do governo do *blanco* Atanasio Aguirre) defendeu-se e “correu os castelhanos” a “pelegaços” e água quente. O cronista Carlos Rafael Guimaraens, em passagem pela fronteira em 1964, relatou:

Conta a tradição que, enquanto Jaguarão se barricava para se defender, socorrida por centenas de gaúchos vagos da campanha, que a família Vergara trouxera em armas, as senhoras dos sobrados ferviam panelões de água com a simpática ideia de despejá-los em cima dos invasores, se chegassem à rua principal. A coisa não chegou a este extremo, e os *blancos* foram repelidos antes que elas os escaldassem (GUIMARAENS apud SOARES; FRANCO, 2010, p. 137).

Os preparativos para a defesa foram acompanhados por jornalista do periódico “ECHO Jaguareense”, que, “com uma mão no fuzil, outra na pena”, noticiou a iniciativa do capitão Vergara:

A 25 [de janeiro] tornaram a aparecer os tais boatos de invasão dos *blancos*, nesse mesmo dia apresentou-se o bravo capitão Fortunato Vergara com força dobrada, colocou-se a praça da matriz às ordens do Sr. Comandante da guarnição. Tivemos ocasião de assistir a esse ato, e vimos que eram mais de 100 homens bizarros e que seus semblantes denotavam serem capazes de a sós rechaçarem qualquer força que por diante lhes aparecesse (1865, p. 2).

No outro lado do Jaguarão, rio que demarca a divisa entre o Brasil e o Uruguai, livros de história enfocam outros parâmetros sobre o mesmo episódio:

Siguiendo por el Yaguarón abajo, a tres leguas de la ciudad de Yaguarón, fue derrotada una fuerza brasileña de más de 500 hombres, la que emprendió la fuga refugiándose en aquella plaza, dejando en poder de los vencedores varios oficiales y soldados prisioneros, muchos de ellos heridos, numerosas armas y caballadas y un pabellón imperial brasileño (CASTELLANOS, 1977, p. 51).

Símbolo de uma nação, esse “pabellón” ou estandarte do Império brasileiro teria sido levado para Montevideú, sendo arrastado pelas ruas da capital uruguaia. Sobre a retirada das tropas do exército *blanco* que ocuparam a cidade brasileira, o historiador uruguaio Alfredo Castellanos dá razões diferentes daquelas afirmadas pelos jaguarenses:

La ciudad de Yaguarón fue sitiada durante algunos días sin poder ser ocupada por sus atancantes debido a la falta de armas para intentar el asalto; la expedición regresó a nuestro territorio sin lograr llamar la atención del grueso del ejército brasileño, que seguía en las afueras de Paysandú pronto para marchar sobre Montevideo (1977, p. 51).

O jornal “Echo Jaguarensis”, na sua edição do dia 28 de janeiro de 1865, deu relatos testemunhais, noticiando os acontecimentos com apaixonado nacionalismo:

Quando descansados estávamos, eis que vimos tocar nossos clarins; mandamos nossa família a sós procurar qualquer abrigo – pois que estávamos fora das trincheiras – e deixando tudo à revelia, empunhamos o fuzil e marchamos para a 1ª trincheira a compartilhar a glória de nossos comprovicianos; eis senão quando ao chegar às 11 horas e meio do dia, já vimos que nossas cavalarias se retiravam batendo-se com esses inimigos que vinham sedentos de sangue e ouro, e ao descobri-los com nossos fuzis, fizemos-lhes uma carga, que retrocederam. [...] rechaçados por nós, retiraram-se arrombando casas, levando à força nossos escravos, e destruíram tudo quanto não puderam conduzir (1865, p. 3).

Após a retirada dos *blancos* de Jaguarão, foram eles perseguidos por tropas brasileiras no interior do Uruguai, como apresenta o “Echo do Sul”: “Os generais Netto, Carvalho, Fidelis e Caravagal, em marchas forçadas, procuram os desertores *blancos* a mando de Bazilio Muñoz” (1865, p. 2). Mais preciso na informação foi o “Relatório da Repartição dos Negócios de Guerra” redigido pelo Ministro Angelo Moniz da Silva Ferraz e apresentado à Assembleia Legislativa na Corte, em 1866: “Forças brasileiras a mando do General Netto e orientais sob o do chefe Moyanno se dirigiram do Estado Oriental em perseguição do inimigo, que em 2 de março também do ano próximo passado estava em fuga pelo Rio Negro abaixo, acossado pela brigada daquele General” (1866, p. 30).

Os acontecimentos do final de 1864, na cidade uruguaia de Paysandú, e de janeiro de 1865, em Jaguarão, estão diretamente relacionados. No ano de 1864, o caudilho uruguaio do partido colorado Venancio Flores, que estava exilado na Argentina, invade com o seu exército o Uruguai e, depois de tomar a cidade de Salto,

sitia a cidade de Paysandú, às margens do Rio Uruguai, na divisa com a Argentina. Venancio Flores contou com o apoio do presidente da Argentina, o general Bartolomé Mitre, que julgava oportuno derrubar um governo simpático aos federalistas opositores argentinos, e com a cumplicidade do Império brasileiro, comprometido com os interesses dos brasileiros que viviam nos campos uruguaio e que estavam ameaçados de expulsão do Uruguai pelo governo dos *blancos*, como relata o historiador José Pedro Barrán:

El Brasil sólo podía hallar en Flores el instrumento que le garantizara un cambio en la política oriental [...] Los grandes estancieros riograndenses con campos en nuestra República, como el general Souza Netto, deseaban un gobierno que “no gravara más a los ricos”, ni les impidiera el pasaje libre de los ganados, ni les limitara el uso de mano de obra esclava (1998, p. 97).

Foi através de Antônio de Souza Netto que os brasileiros residentes no Uruguai solicitaram ao Império providências contra as violências que sofriam, praticadas por desmandos do governo oriental:

A presença do General Netto [na Corte] inflamou logo os espíritos preparados para atos de imprudência e insensatez. [...] A guerra, salvo uma obtemperação completa do governo *blanco* a todas as exigências e reivindicações dos brasileiros alistados sob as bandeiras de Flores, era o que resultava dessa atitude, chamada patriótica (FRAGOSO, 2009, p. 257).

Dessa forma, Venancio Flores pôde reunir ao seu lado 16.000 homens dos exércitos de três nações para enfrentar cerca de 700 indivíduos que defendiam Paysandú. A historiografia tradicional uruguaia costuma colocar o cerco de Paysandú no plano da disputa entre *blancos* e *colorados*, minimizando o componente dos interesses estrangeiros. No entanto, para a historiografia tradicional brasileira, o mesmo acontecimento faz parte do preâmbulo da Guerra do Paraguai, o que justifica a intervenção do Império no território uruguaio. Se as interpretações políticas avaliam o episódio em uma ou outra conjuntura, o certo é que o fato representou consequências em ambos contextos. O sítio de Paysandú durou de 2 dezembro de 1864 a 2 de janeiro do ano seguinte. Os *blancos* da cidade uruguaia esperavam pelo apoio do opositor argentino general Urquiza e do exército paraguaio do Marechal Francisco Solano López, mas seus reforços nunca chegaram. Já os *colorados* contaram com a ajuda de tropas estrangeiras que foram chegando e se posicionando dia após dia nas imediações de Paysandú:

Mandavam-se todos os dias emissários a Mena Barreto, bem como ao General Netto, para que acelerassem as marchas. No dia 14 de dezembro, chegou ao campo dos

sitiadores, como agente de ligação de Mena Barreto, o Major do 2º Regimento de Cavalaria [...]. No dia imediato, apresentou-se o General Netto, com sua cavalaria de voluntários (1.200 homens) e foi estacionar ao norte de Paysandú, ao lado do Rio S. Francisco (FRAGOSO, 2009, p. 152-153).

Paysandú foi destruída e tomada pelos *colorados* que, depois, seguiram com seus aliados rumo a Montevidéu para, com a simpatia da França e da Inglaterra, tomar o poder. Procurando forçar os brasileiros a recuarem para defender suas fronteiras, os *blancos* do norte do Uruguai cercaram a cidade de Jaguarão no dia 26 de janeiro de 1865 para atacá-la no dia seguinte:

Numa tentativa desesperada de reverter uma situação crítica, uma tropa de cavaleiros uruguayos ataca Jaguarão, a 27 de janeiro [de 1865], sem grandes resultados. São estes *blancos*, a quem o presidente da província acusa de tentarem “desencaminhar” os escravos brasileiros. Acusação, diga-se de passagem, tradicional (MAESTRI, 1984, p. 149).

Sem alcançar seu maior objetivo, as tropas invasoras recuaram no dia 27 de janeiro, dia em que a população civil de Jaguarão expulsou os “castelhanos”, levando, no entanto, cavalos e negros que, forçosamente, passariam a integrar suas tropas, como foi publicado no “Diário do Rio Grande”, em 1º de fevereiro de 1865:

O inimigo retirou-se com direção a Bagé depois de 30 horas de resistência, arrebanhando para mais de três mil cavalos e muitos escravos, e saqueando todas as casas que encontravam. Uma carta porém, de Arroio Grande, noticia que o número de escravos arrebatados pelos vândalos subia a cem (apud MAESTRI, 1984, p. 149).

A divergência dos discursos dos vencedores, que podem ter sido os vencidos, e dos vencidos, que podem ter sido os vencedores, sobre um mesmo fato histórico é explicada pelo pensador francês Paul Ricoeur:

Sugiro a modalidade de ficcionalização da história que, longe de abolir seu intuito de representância, dá o preenchimento que lhe falta e que é autenticamente esperada por ela. Refiro-me a esses acontecimentos que uma comunidade histórica considera marcantes, porque neles vê uma origem ou um redirecionamento. Esses acontecimentos recebem sua significação específica de seu poder de fundar ou de reforçar a consciência de identidade da comunidade considerada, sua identidade narrativa, bem como a de seus membros. Esses acontecimentos geram sentimentos de uma intensidade ética considerável, quer no registro da comemoração fervorosa, quer no da execração, da indignação, do lamento (1997, p. 324).

O diálogo interdisciplinar da relação entre ficção e história produz, segundo Ricoeur, uma refiguração do tempo, em que o imbricar das narrativas literárias e históricas concretiza-se a partir de empréstimos que cada modo narrativo toma um do outro:

Esses empréstimos consistirão no fato de que a intencionalidade histórica só se efetua incorporando à sua intenção os recursos de ficcionalização que dependem do imaginário narrativo, ao passo que a intencionalidade da narrativa de ficção só produz os seus efeitos de detecção e de transformação do agir e do parecer assumindo simetricamente os recursos de historicização que lhe oferecem as tentativas de reconstrução do passado efetivo. Desses intercâmbios íntimos entre historicização da narrativa de ficção e ficcionalização da narrativa histórica, nasce o que chamamos de tempo humano, e que não é senão o tempo narrado (1997, p. 176-177).

Entrecruzando a invenção com os acontecimentos históricos ocorridos em Jaguarão e em Paysandú, os escritores Aldyr Garcia Schlee, brasileiro, e Mario Delgado Aparain, uruguaio, resgatam os fatos para potencializar os questionamentos e desmistificar as glórias que recobrem o imaginário popular. Em *No robarás las botas de los muertos*, Delgado Aparain dá identidade a personagens anônimos que participaram da defesa de Paysandú. O romance dialoga com textos históricos, documentos e testemunhos, como a obra *La defensa de Paysandú*, de Orlando Ribero, soldado *blanco* que esteve presente no acontecimento e sobreviveu para relatar sua experiência como participante ativo na defesa da cidade. O texto de Orlando Ribero foi escrito muitos anos depois do ataque à Paysandú, e esse distanciamento pode ter traído sua memória, não lembrando ou distorcendo fatos. No entanto, não esquece de enaltecer seus líderes e mártires e de se colocar como protagonista em muitas ações. Ao mesmo tempo, deixa no anonimato seus companheiros, dando-lhes papel coadjuvante e os descrevendo com dados imprecisos:

Sólo un negro, atemorizado por aquel suceso, se separó de las filas hasta la vereda de enfrente.
[...] Esta pieza era mandada por un oficial pusilánime de quien no recuerdo el nombre.
[...] Nuestro Jefe, el Mayor Torcuato González, tenía de asistente un negro, que era el cocinero de su establecimiento de campo (1987, p. 30; 33; 64).

Entre as passagens narradas por Orlando Ribero que ilustram sua valentia e a confiança que seus superiores depositam nele, cabe destacar o seguinte fragmento:

Una mañana, dos o tres días después de la salida de las familias, estando en la Comandancia Militar, me llamó el General Gómez y me dijo: “Me han informado que en lo de Rumbis hay en un altillo una cantidad de fulminantes para fusil. ¿Te animarías a ir a traerlos?” A tal interrogación, que yo interpreté como una comisión de confianza, no tuve el menor reparo en contestar: “- Sí, señor, en el acto”. “- Bueno, me replicó el general, elige los hombres que quieras y ve a desempeñar esta comisión”. [...] Elegí solamente dos compañeros, uno de ellos Joaquín Cabral, joven argentino que había ido a Paysandú con un negocio de cigarros, y que tomándolo allí aquellos sucesos, se había presentado como voluntario.
El otro era un joven español también voluntario (1987, p. 47).

O diálogo de Orlando Ribero com o general Leandro Gómez mostra sua proximidade com o principal líder dos *blancos* em Paysandú e dimensiona sua coragem e uma importância reservada a poucos.

Essa mesma passagem é narrada por Delgado Aparain em *No robarás las botas de los muertos*, apoiando o texto literário na veracidade do fato histórico, mas dando outros matizes na descrição do episódio:

Después de escuchar demasiadas veces a sus hombres quejarse de la escasez cada vez mayor de fulminante para los fusiles de pistón, el joven Orlando fue llamado a la Comandancia y a solas con el general Gómez y el capitán Masanti, se enteró de que en un altillo del comercio de Rumbis, había una estiba de cajas de fulminante en cantidad suficiente como para cubrir buena parte de los rifles de la guarnición. [...]

El General le preguntó si se atrevía a asumir el riesgo de atravesar aquella tierra de nadie sólo con dos hombres del capitán Masanti, entrar al comercio cerrado y rescatar las preciadas cajas de fulminante.

Halagado por la confianza, el joven Ribero asintió de inmediato y luego salió al patio donde montaban guardia varios de los hombres del Capitán. Tras mirarlos uno por uno, descubrió que la mayoría tenían envoltorios deshilachados y mugrientos o vendajes con rastros de sangre seca en algún sitio del cuerpo o descansaban sobre muletas apoyados en la pared, de modo que se tataba de elegir un par de heridos leves y de confianza que no le frustraran la operación.

Así fue que eligió a Martín Zamora.

- ¡Español, venga conmigo!

Luego señaló al argentino vendedor de cigarros Joaquín Cabral y también le pidió que lo siguiera. Cuando estuvieron a su lado, los interiorizó de la misión y ambos, de buena gana, dijeron “vamos ya” (2006, p. 322-323).

Interessa notar que, além da atualização da linguagem (“comisión” virou “misión”), existem outras transformações, com maiores ou menores sutilezas. No testemunho de Orlando Ribero, a colocação “estando en la Comandancia Militar” dá um duplo sentido: “estava” o general ou o próprio Orlando, situando-o em uma relação próxima com os chefes militares? Segundo o texto do soldado, o general pergunta se ele se “animaria” a buscar a munição em uma operação tão perigosa. Denota-se que o verbo empregado dá um poder de decisão a Orlando, como que solicitando sua opinião sobre o que se deveria fazer. Do mesmo modo, é o soldado quem avalia com autoridade que, para realizar a missão, seriam suficientes dois outros homens em sua companhia: “elige los hombres que quieras. [...] Elegí solamente dos compañeros”. Porém, no romance de Delgado Aparain, Orlando Ribero é chamado à Comandância para receber instruções de uma missão já planejada, onde três homens executariam o mandato. Inclusive, coloca-se à prova a coragem do soldado: “se atrevería a asumir el riesgo”? A Orlando coube apenas apontar seus companheiros, sem muita escolha, pois estavam todos feridos. E o ímpeto em aceitar a missão não é exclusivo de Orlando, como descrito no seu testemunho: “Sí, señor, en el acto”; mas compartilhado pelos demais partícipes: “vamos

ya”. Há ainda uma diferença maior entre os textos de Orlando Ribero e de Mario Delgado Aparain: no testemunho, menciona-se um jovem espanhol voluntário; no romance, esse espanhol tem nome e história: chama-se Martín Zamora. Em *No robarás las botas de los muertos*, esse espanhol não é um voluntário na precisão do termo, mas um “voluntário” por única alternativa para manter-se vivo, mesmo que fosse arriscando seu pescoço em uma guerra que não lhe dizia nenhum respeito. Na obra de Delgado Aparain, Martín Zamora é um espanhol que saiu da Europa pensando em chegar no Caribe, mas, ludibriado, veio parar no pampa americano. Contrabandeando na fronteira e capturando negros no Uruguai para vendê-los como escravos no Brasil, acaba preso e condenado à morte pelas autoridades uruguaias. Enquanto aguarda o fuzilamento, Paysandú é sitiada, o que o faz concluir: “Y aquí estoy yo, en el peor lugar y en el momento menos indicado para caer preso y ser fusilado por gente de seguro poco inclinada a un juicio justo” (p. 23).

Ainda preso, resolve escrever sobre sua trajetória para que “todos aquellos que tuviesen el deseo de emigrar al Río de la Plata fueran informados. No les ocultó ni lo bueno ni lo malo, ni los alentó ni los desalentó, aunque nada lleva a suponer que estuviese feliz de estar allí donde estaba” (p. 11). Para Martín Zamora, “la palabra es signo y seguramente habrá considerado que sólo el signo trasciende la vida, porque ha sido siempre de ese modo y el que no lo comprenda así es apenas una betia sin pasado” (p. 12). Delgado Aparain inventa uma personagem que, com a escritura do diário, alcança com as palavras uma possível verdade histórica com valor semelhante aos textos das testemunhas presentes no conflito de Paysandú, como o livro *La defensa de Paysandú*, de Orlando Ribero, obra considerada pela historiografia como uma das melhores fontes sobre os acontecimentos do final de 1864 no Uruguai.

Com a cidade sitiada, oferecem ao espanhol, em lugar do fuzilamento, uma arma para lutar na defesa de Paysandú contra “una horda de militares brasileños, uruguayos y argentinos, a cual de ellos más insatisfechos, aventureros de diversa laya y terratenientes apasionadamente hostiles” (p. 15). Assim, como única opção, Martín Zamora engaja-se na guerra entre *blancos* e *colorados*, entre uruguaios, argentinos, brasileiros e paraguaios, lutando não por um idealismo ou lealdade a uma pátria, mas simplesmente para salvar a própria pele.

Inversamente, sem pegar em armas, mas igualmente sem reconhecer apego à nação ou subserviência a um estado constituído, a personagem don Sejanos, que dá nome ao conto de Aldyr Garcia Schlee, não se envolve na defesa de Jaguarão quando

atacada pelos *blancos* uruguaios. Para ele, nascido na vizinha Melo, no lado uruguaio, e batizado na paróquia da antiga freguesia de Jaguarão, não existiam motivos para o enfrentamento entre brasileiros e uruguaios. Don Sejanos sequer reconhecia essa divisão, pois tinha consciência que ele mesmo era fruto de uma diversidade de povos:

[...] sabia que era um pouco índio e espanhol e português, mas que era mais oriental e brasileiro, se tivesse que ser algo além de ser gaúcho como queria e gostava de ser e se acostumou a ser desde que se conheceu por gente montado a cavalo nas lidas campearas e nas estripulias pela campanha. (p. 28).

Reconhecia-se antes de tudo como gaúcho porque gaúchos existem de um e outro lado da fronteira, desde antes da definição de uma linha divisória entre Brasil e Uruguai, incompreensível para don Sejanos: “– Não sei, mas isto aqui é uma terra só. Sempre foi uma terra só, desde os tempos das correrias de gado, quando não tinha dono, até agora, quando é só deles, dos donos, alambrada dos dois lados de rio. Agora, me diga uma coisa: tem cabimento isso?” (p. 29).

O uso de arames dividindo as terras e demarcando posses também não tinha explicação para o entendimento de don Sejanos. Acostumado a recolher e tropear gado selvagem solto nos campos, “nunca se conformara, como tantos gaúchos de lei, com os pastos repartidos e com o gado confinado” (p. 31). Por suas posições, don Sejanos era admirado e reconhecido, inclusive, por gente como Fructuoso Rivera, primeiro presidente do Uruguai, que viveu um tempo exilado em Jaguarão, e por Bento Gonçalves, presidente da República Rio-grandense, generais com quem conversava sem diferenças hierárquicas. Reprendia Rivera pela matança dos charruas no processo de construção da nação uruguaia e desconfiava do farroupilha pela guerra contra o general José Gervasio Artigas quando este buscava a independência da Banda Oriental. No entanto, mesmo com o respeito de todos os que o conheciam,

[...] não foi difícil tachar don Sejanos de traidor quando Basilio Muñoz atacou Jaguarão. O velho se negou a pegar em armas e foi o único a permanecer em casa enquanto a população se refugiava em cima do cerro e os uruguaios cruzavam a fronteira. A resistência foi grande e os *blancos* uruguaios acabaram se retirando e levando como presa um estandarte imperial. Pode ser até que Basilio e don Sejanos tenham se reencontrado, se abraçado, e proseado, lembrando os vivos e os mortos (p. 30).

Acusações de traidores e espiões foram noticiadas no “ECHO Jaguarensis” no dia seguinte à invasão, quando esse periódico, não admitindo e desconfiando de correlações do cotidiano de uma cidade fronteiriça, deu relatos dos acontecimentos:

[...] os fatos que se acabam de dar em nossa bela cidade de Jaguarão foram devidos: 1º, a pouca energia de um chefe; 2º, aos nossos inimigos, que por mais de uma vez a

opinião pública os denunciava e denuncia como nossos espiões, e que por patronatos extemporâneos, percorriam e percorrem as ruas da cidade somente com o intuito de atraí-los, denunciando-nos a esses sicários de tudo quanto é nosso – denominados *blancos*.

Ainda hoje existem nesta cidade alguns sob a proteção dos nossos mesmos patrícios e quiçá entre nossas famílias guardados em algumas de nossas repartições públicas (1865, p. 2).

Vivendo no trânsito de um a outro lado do rio que divide o Brasil do Uruguai, don Sejanos não reconhece a separação estabelecida por aqueles que se julgam donos das terras. Assim, não vê motivos para defender um território que, no seu entender, não pertencia a ninguém e que deveria ser compartilhado entre os que nele vivessem.

Tomados isoladamente, os acontecimentos em Paysandú e em Jaguarão entre dezembro de 1864 e janeiro de 1865 reforçam a construção de glórias e heroicidades. Elevadas a “cidades heróicas”, constituem versões únicas dos fatos, não considerando as diferenças e a diversidade da complexa conjuntura das nações recém constituídas no decorrer do século XIX. Existem razões para considerar Jaguarão heróica se seus habitantes constituíam o exército brasileiro que, covardemente, sitiou e atacou Paysandú? Existem razões para considerar Paysandú heróica se seus sobreviventes atacaram covardemente a população civil de Jaguarão?

Apresentando considerações mais amplas, o romance *No robarás las botas de los muertos*, de Mario Delgado Aparain, e o conto “Don Sejanos”, de Aldyr Garcia Schlee, desestabilizam os motivos que sustentam o orgulho afirmado em Paysandú e em Jaguarão. Na obra do autor uruguaio, denuncia-se a formação de uma aliança entre os *colorados* uruguaio, a Argentina e o Império brasileiro para derrubar um governo constituído legalmente. Contrariamente à glorificação de personagens famosos que lutaram na defesa da cidade que textos canônicos, históricos ou literários, manifestam, Delgado Aparain oferece uma trama que envolve espaços que vão para além do território uruguaio, onde os combatentes, “con la defensa de la pequeña ciudad sitiada, preámbulo de la tragedia del Paraguay, estaban resistiendo, más allá de los colores partidarios, la destrucción de valores universales” (2002, p. 487). O conto de Schlee também não se restringe a um único fato histórico, mas, retratando a invasão dos *blancos* uruguaio a Jaguarão, coloca vários outros questionamentos em pauta, como preconceitos nacionalistas e a desqualificação de identidades fronteiriças, desmistificando a exaltada bravura da defesa da cidade.

Referências

BARRÁN, José Pedro. *Historia uruguaya*. Tomo 4: Apogeo y crisis del Uruguay pastoril y caudillesco. Montevidéo: Banda Oriental, 1998.

CASTELLANOS, Alfredo. *Timoteo Aparicio: el ocaso de las lanzas*. Montevidéo: Banda Oriental, 1977.

DELGADO APARAÍN, Mario. *No robarás las botas de los muertos*. Montevidéo: Santillana, 2006.

ECHO JAGUARENSE. Jaguarão, Ano I, n. 8, 28 jan. 1865.

FERRAZ, Angelo Moniz da Silva. Relatório da Repartição dos Negócios de Guerra, 1865. In: Ordens do dia (1865). Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1866. p. 30.

FRAGOSO, Augusto Tasso. *História da guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2009.

GUIMARAENS, Carlos Rafael. No passado e no futuro (excertos). In: SOARES, Eduardo Álvares de Souza; FRANCO, Sérgio da Costa (Orgs.). *Olhares sobre Jaguarão*. Porto Alegre: Evangraf, 2010. p. 137-138.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Traduzido por Bernardo Leitão [et al]. Campinas: UNICAMP, 1996.

MAESTRI, Mário. *O escravo no Rio Grande do Sul: a charqueada e a gênese do escravismo gaúcho*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia, 1984.

RIBERO, Orlando. *La defensa de Paysandú*. Montevidéo: Ediciones del Nuevo Mundo, 1987.

RICOUER, Paul. *Tempo e narrativa*. Traduzido por Constança Marcondes Cesar. Tomo III. Campinas: Papyrus, 1997.

SCHLEE, Aldyr Garcia. Don Sejanos. In: _____. *Contos de sempre*. 2ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. p. 27-32.